



Fundação Educacional  
"Dr. Raul Bauab" - Jahu



**Faculdades Integradas de Jaú**

Recredenciada pelo MEC através da Portaria nº 504 de 12/06/2013

**KARINA FERREIRA DA SILVA**

**A IMPORTÂNCIA DOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE NA FITOTERAPIA NO  
BRASIL**

**Jaú – SP  
2021**

**KARINA FERREIRA DA SILVA**

**A IMPORTÂNCIA DOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE NA FITOTERAPIA NO  
BRASIL**

Trabalho de conclusão de curso (TCC),  
apresentado ao curso de Farmácia, das  
Faculdades Integradas de Jahu – FIJ, para  
a obtenção de grau de Bacharel em  
Farmácia sob a orientação da professora  
Dr. Heloísa Donzella.

**Jaú – SP  
2021**

## **CERTIFICADO DE APROVAÇÃO**

**TÍTULO: A importância dos profissionais da saúde na fitoterapia no Brasil.**

**AUTORES:**

**1. KARINA FERREIRA DA SILVA**

**ORIENTADOR: HELOÍSA DONZELLA**

Aprovado como parte das exigências para a obtenção do grau de **BACHAREL EM FARMÁCIA** pela comissão Examinadora.

Prof. Dr. Heloísa Donzella – Orientador – Faculdades integradas de Jahu – FIJ

---

Prof. Dr. Tanize do Espírito Santo Faulin – Faculdades integradas de Jahu – FIJ

---

Prof. Dr. Thiago de Souza Candido – Faculdades integradas de Jahu – FIJ

---

Jaú, 08 de dezembro de 2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

### Catálogo da Publicação

#### Serviço de Documentação das Faculdades Integradas de Jaú

S586i

Silva, Karina Ferreira da

A importância dos profissionais da saúde na fitoterapia. / Karina Ferreira da Silva – Jaú, 2021.

23f. il.:

Orientadora: Prof. Heloísa Donzella.

Monografia (Graduação) Faculdades Integradas de Jaú. Centro de Saúde. Faculdade de Farmácia.

1. Fitoterapia 2. Atenção Básica 3. Profissionais da Saúde. I. Título.

CDD 615.32

Catálogo na fonte Bibliotecária: Marcela Antochio - CRB8/8916-0

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente aos meus pais, por todo o apoio nestes quatro anos.

Agradeço aos amigos que torceram por mim.

Agradeço a minha orientadora, Heloísa Donzella, pela paciência e pelo aprendizado.

Gratidão pela vida, por tudo que aprendi nestes anos, pelas pessoas que conheci, pelos caminhos que trilhei, as dificuldades que enfrentei e pela oportunidade e privilégio de poder estar concluindo minha graduação.

*“Não devemos chamar o povo à escola para receber instruções, postulados, receitas, ameaças, repreensões e punições, mas para participar coletivamente da construção de um saber, que vai além do saber de pura experiência feita, que leve em conta as suas necessidades e o torne instrumento de luta, possibilitando-lhe ser sujeito de sua própria história.” (Paulo Freire)*

## RESUMO

### A IMPORTÂNCIA DOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE NA FITOTERAPIA NO BRASIL

**Introdução:** A Fitoterapia é uma terapêutica utilizada há séculos principalmente em países ainda em desenvolvimento e seu uso alcança uma alta porcentagem entre a população destes países (80%). Políticas nacionais defendem a Fitoterapia, porém ainda existem dificuldades para implantá-la na saúde brasileira, devido a fatores como a falta de conhecimento por parte dos profissionais da saúde e gestores. Dados do Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (SINITOX) revelam casos de intoxicação por plantas no Brasil nos últimos anos. Por isto, é necessário que os fitoterápicos e as plantas medicinais sejam indicados ou prescritos por profissionais da saúde que tenham conhecimento do que é a fitoterapia. **Objetivo:** Ressaltar a importância dos profissionais na fitoterapia, para que ocorram menos efeitos adversos e intoxicações. **Metodologia:** Foi realizada uma revisão da literatura de artigos relacionados a fitoterapia, atenção básica e profissionais da saúde encontrados em bancos de dados como o Scielo e o Portal Regional da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) abrangendo um período de 2011 a 2021. **Revisão da Literatura:** O Ministério da Saúde publicou em 2006 políticas nacionais que defendem o desenvolvimento de tecnologias, o uso sustentável da biodiversidade e a educação dos profissionais da saúde acerca das plantas medicinais e fitoterapia. Apesar do número crescente de programas de fitoterapia no Brasil, chegando a 815 municípios em 2012, muitos não conseguem dar continuidade devido a fatores como a troca do governo a cada quatro anos e os profissionais da saúde que não conhecem a fitoterapia. Segundo estudos, muitos desconhecem a eficácia das plantas e dos fitoterápicos, principalmente por não terem aprendido sobre o tema durante a formação acadêmica. A população acredita no potencial terapêutico das plantas medicinais e as utilizam por conta própria, se automedicando, sem prescrição ou indicação vinda por um profissional da saúde. Muitas plantas possuem perfil tóxico desconhecido, colocando quem as utilizam em risco. O SINITOX registrou entre os anos de 2013 a 2017 4.999 casos de intoxicação por plantas no Brasil, e o número atual pode ser maior. **Considerações Finais:** Se faz necessária a capacitação dos profissionais da saúde, vinda da formação acadêmica ou de cursos oferecidos pelos municípios. Quanto mais profissionais com conhecimento acerca da fitoterapia existirem, menor serão os riscos enfrentados pela população ao se automedicar com plantas e fitoterápicos.

**Palavras-chave:** fitoterapia; atenção básica; profissionais da saúde.

## ABSTRACT

### THE IMPORTANCE OF HEALTH PROFESSIONALS IN PHYTOTHERAPY IN BRAZIL

**Introduction:** Herbal medicine has been used for centuries, mainly in developing countries and its use reaches a high percentage among the population of these countries (80%). National policies defend Phytotherapy, but there are still difficulties to implement it in Brazilian health, due to factors such as lack of knowledge on the part of health professionals and managers. Data from the Brazilian National Toxic-Pharmacological Information System (SINITOX) reveal cases of plant poisoning in Brazil in recent years. Therefore, it is necessary that herbal medicines and medicinal plants are indicated or prescribed by health professionals who are knowledgeable about what herbal medicine is. **Objective:** To emphasize the importance of professionals in herbal medicine, so that there are fewer adverse effects and poisoning. **Methodology:** A literature review was carried out on articles related to herbal medicine, primary care and health professionals found in databases such as Scielo and Portal Regional da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), covering a period from 2011 to 2021. **Literature:** In 2006, the Brazilian Ministry of Health published national policies that defend the development of technologies, the sustainable use of biodiversity and the education of health professionals about medicinal plants and phytotherapy. Despite the growing number of herbal medicine programs in Brazil, reaching 815 municipalities in 2012, many are unable to continue due to factors such as the change of government every four years and health professionals who are not familiar with herbal medicine. According to studies, many are unaware of the effectiveness of plants and herbal medicines, mainly because they have not learned about the subject during their academic training. The population believes in the therapeutic potential of medicinal plants and uses them on their own, self-medicating, without a prescription or indication from a health professional. Many plants have an unknown toxic profile, putting those who use them at risk. Between 2013 and 2017, SINITOX registered 4,999 cases of plant poisoning in Brazil, and the current number may be higher. **Final Considerations:** It is necessary to train health professionals, coming from academic training or courses offered by municipalities. The more professionals with knowledge about herbal medicine there are, the lower the risks faced by the population when self-medicating with plants and herbal medicines.

**Key words:** phytotherapy; primary care; health professionals.



## LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Artigos encontrados em banco de dados que serviram de base para a pesquisa.....	14
TABELA 2: Evolução de práticas sobre fitoterapia dos egressos após a conclusão do curso .....	20
TABELA 3: Plantas medicinais e seus efeitos adversos e interações.....	21
TABELA 4: Número de casos de intoxicação humana por plantas e por faixa etária entre os anos de 2013 a 2017 no Brasil.....	22
TABELA 5: Circunstâncias de intoxicação por plantas dos casos registrados de 2013 a 2017 .....	23

## SUMARIO

1. INTRODUÇÃO .....	11
2. OBJETIVO .....	13
3. MÉTODO. ....	14
4. REVISÃO DA LITERATURA. ....	15
4.1 Políticas públicas voltadas à implantação e manutenção da fitoterapia no Brasil .....	15
4.2 Legislação para a atuação dos profissionais da saúde frente à fitoterapia .....	16
4.2.1 A capacitação dos profissionais de saúde . ....	18
4.3. Plantas medicinais, efeitos adversos e toxicidade. ....	20
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	24
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. ....	25

## 1. INTRODUÇÃO

Plantas medicinais são utilizadas por diversos povos em todo o mundo há séculos, sendo o meio de cura das enfermidades dos antigos. A Fitoterapia é a terapêutica na qual plantas medicinais são utilizadas em diferentes formas farmacêuticas, sem substâncias ativas isoladas, mesmo que de origem natural (BRASIL, 2015). As plantas fazem parte da assistência farmacêutica e da Atenção Básica (Atenção Primária), principalmente em países ainda em desenvolvimento, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) (MATTOS et al., 2018).

Acompanhando a corrente mundial o Brasil, através do Ministério da Saúde, ampara o fabrico de medicamentos fitoterápicos criando resoluções e políticas nacionais. Na Resolução N° 26, de 13 de maio de 2014, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) dispõe sobre o registro de medicamentos fitoterápicos e de produtos tradicionais fitoterápicos, sendo o medicamento fitoterápico aquele que é obtido com emprego exclusivo de matérias primas vegetais, cuja segurança e eficácia tenham sido pesquisadas e comprovadas clinicamente, enquanto o produto tradicional fitoterápico também é obtido através de matérias primas vegetais, mas este possui sua segurança e efetividade baseadas em dados publicados na literatura técnico-científica através de anos (BRASIL, 2014).

Apesar das políticas nacionais, a Fitoterapia é pouco prescrita e divulgada pelos profissionais da saúde, talvez pela falta de conhecimento da eficácia dos fitoterápicos e das plantas medicinais, assim sendo, a alta percentagem de utilização (80%) nos em países em desenvolvimento deve-se pela automedicação, embasada na crença popular de que “não trazem riscos à saúde” e de “serem mais baratas” (FIGUEREDO et al., 2014).

Dados do Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (SINITOX), dos anos de 2013 a 2017, registraram 4.999 casos de intoxicação por plantas no Brasil. O número atual pode ser maior, já que o SINITOX não apresenta dados atuais de intoxicação por plantas já a alguns anos, devido ao sucateamento dos centros que repassavam as informações para o sistema (BRASIL, 2021).

O conhecimento sobre a fitoterapia deve vir da formação acadêmica ou de capacitações oferecidas por municípios. A Política e Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF) é clara ao dizer que a Fitoterapia deve fazer parte da grade curricular de cursos da área da saúde em níveis técnico e superior (BRASIL,

2016). Soma-se a isso, a necessidade de orientação da população sobre o uso adequado das plantas medicinais e dos fitoterápicos, ressalta-se que o norteamento deve vir dos profissionais da saúde qualificados.

O presente trabalho tem como objetivo ressaltar a importância dos profissionais da saúde na fitoterapia, indicando, prescrevendo, orientando a população, para que esta não sofra com efeitos adversos que as plantas e os fitoterápicos podem causar.

## **2. OBJETIVO**

Ressaltar a importância dos profissionais da saúde na fitoterapia, para que ela se torne cada vez mais comum.

### 3. MÉTODO

Foram realizadas buscas utilizando as palavras-chave: *fitoterapia, atenção básica, profissionais da saúde* em bancos de dados *Scielo* e Portal Regional da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), abrangendo o período de 2011 a 2021. Encontrou-se um trabalho no *Scielo* e quatro no BVS.

Utilizou-se como critério de inclusão o tema os profissionais de saúde frente a fitoterapia, assim procedendo, restaram três dos cinco trabalhos encontrados nas bases de dados. Os três artigos serviram de base para esta pesquisa.

Tabela 1: Artigos encontrados em banco de dados que serviram de base para a pesquisa

<b>Nome do artigo</b>	<b>Nome do(s) autor(es)</b>	<b>Base de dados/ano</b>
Impacto da capacitação de profissionais da Rede Pública de Saúde de São Paulo na Prática da Fitoterapia.	Haraguchi, L.M.M, Sañudo, A., Rodrigues, E., Cervigni, H., Carlini, E.L.A.	Portal Regional da Biblioteca Virtual em Saúde / 2020
Avaliação do conhecimento e percepção dos profissionais da estratégia de saúde da família sobre o uso de plantas medicinais e fitoterapia em Petrolina-PE, Brasil.	Júnior, B.J.N., Tínel, L.O., Silva, E.S., Rodrigues, L.A., Freiras, T.O.N., Nunes, X.P., Amorim, E.L.C.	Scielo / 2016
Plantas medicinais e fitoterápicos na Atenção Primária em Saúde: percepção dos profissionais.	Mattos, G., Camargo, A., Souza, A.C., Zeni, L.B.A.	Scielo / 2018

## **4. REVISÃO DA LITERATURA**

### **4.1 Políticas públicas voltadas à implantação e manutenção da fitoterapia no Brasil**

Foi nos anos 70 que a OMS criou o “Programa de Medicina Tradicional”, incentivando a criação de políticas públicas nacionais e internacionais acerca da Medicina Tradicional e a Medicina Complementar e Alternativa (MT/MCA) e seus produtos, incluindo as plantas medicinais. A OMS se propôs a ajudar os países na implantação das MT/MCA nos países visando a promoção da saúde, a segurança e o uso racional na Atenção Básica. Em 1987, a Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial (ONUDI), recomendou a inclusão da utilização de medicamentos fitoterápicos no Sistema Nacional de Assistência à Saúde, assim como educação e capacitação em nível nacional acerca da fitoterapia (BRASIL, 2012; SILVA, 2019)

A fitoterapia é arduamente defendida por políticas nacionais como a Política Nacional de Plantas e Medicamentos Fitoterápicos (PNPMF) e a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC). Ambas foram publicadas através de portarias do Ministério da Saúde no ano de 2006. A PNPMF estabelece diretrizes para atuação do governo na área das plantas medicinais e fitoterápicos com objetivo de garantir o acesso seguro e racional, desenvolvimento de tecnologias e inovações, fortalecimento das cadeias e arranjos produtivos e uso sustentável da biodiversidade brasileira. Além de ser bastante clara ao dizer que o conhecimento sobre a fitoterapia deve fazer parte da graduação dos profissionais da saúde, para que estejam capacitados e possam se sentir confiantes em prescrever plantas medicinais e fitoterápicos (BRASIL, 2006).

A PNPIC foi elaborada para oferecer no Sistema Único de Saúde (SUS) campos da medicina complementar e alternativa (MT/MCA), que são a Fitoterapia, Homeopatia, Acupuntura, Termalismo e Medicina Antroposófica, todas buscando estimular mecanismos naturais de prevenção de doenças e recuperação por meio de tecnologias eficazes e seguras, com foco no acolhimento do paciente, desenvolvimento de vínculos terapêuticos e integração do ser humano com o meio ambiente e a sociedade (BRASIL, 2015).

Graças à indução destas políticas nacionais, ocorreram avanços importantes como a ampliação da oferta de serviços e produtos fitoterápicos na rede pública, incentivo à pesquisa e desenvolvimento de plantas medicinais e fitoterápicos pelo Ministério da Saúde e a aprovação de políticas e programas estaduais e municipais (BRASIL, 2012).

Apesar disso, ainda é possível ver dificuldades para implementar a Fitoterapia na Atenção Básica em muitos lugares do Brasil, devido a alguns fatores como a falta de orientação por parte dos profissionais que integram a saúde pública e coordenadores e gestores que desconhecem as políticas e programas que norteiam as práticas complementares e integrativas (CORTEZ et al., 2017).

Um crescente número de programas de fitoterapia em diversos municípios pode ser notado após a criação do Sistema Único de Saúde, em 1988, e do Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, em 2008, chegando a 815 municípios no ano de 2012. Entretanto, muitos municípios não conseguem implantar e dar continuidade nos programas devido a dificuldades como a troca do governo municipal que acontece a cada quatro anos, a falta dos recursos que são garantidos por lei para a manutenção e expansão da fitoterapia no SUS, a dificuldade para aquisição de insumos vegetais e medicamentos fitoterápicos, a falta de um local apropriado para manipulação, laboratório e hortos para cultivar as plantas medicinais, além da falta de apoio dos profissionais da saúde, que não aderem e nem apoiam os programas de fitoterapia (RIBEIRO, 2019).

#### **4.2 Legislação para a atuação dos profissionais da saúde frente à fitoterapia**

A Resolução N° 8, de 08 de março de 1988 da Comissão Interministerial de Planejamento e Coordenação (CIPLAN) determina o uso de fitoterápicos em hospitais, ambulatórios, aplicados por diversas especialidades médicas, mas sua prescrição deve somente ser aplicada por profissional que possua formação ou capacitação na área da fitoterapia (BRASIL, 1988).

As plantas medicinais e os fitoterápicos podem ser prescritos por profissionais da saúde médicos, farmacêuticos, enfermeiros, odontólogos e nutricionistas (SILVA, 2019).

O profissional médico é aquele que, no âmbito da fitoterapia, torna-se responsável pela aderência, popularização e utilização dos fitoterápicos, levando em



conta que o paciente costuma confiar em profissionais habilitados e que possuem bastante conhecimento, gerando uma maior aceitação do tratamento alternativo. Sendo assim, o papel deste profissional da saúde é considerado importante para o entendimento do uso da fitoterapia na atenção básica, reconhecendo os benefícios e a valorização cultural que as plantas medicinais possuem (ROSA et al., 2011).

Outro profissional que desempenha um papel importante na Fitoterapia e no uso racional de fitoterápicos e plantas é o farmacêutico. Desde a origem da profissão, é ele quem está sempre orientando os pacientes quanto aos efeitos adversos, modo de utilização e informações complementares, mesmo que de maneira informal e não documentada (SILVA, 2019).

Segundo a Resolução nº 477 de 28 de maio de 2008 do Conselho Federal de Farmácia, cabe ao farmacêutico a atenção à saúde, a assistência farmacêutica, promover o uso racional, cultivar, manejar, coletar e beneficiar plantas medicinais, produzir e manipular os produtos fitoterápicos, participar dos processos de implantação dos serviços de fitoterapia e orientar prescritores sobre a forma correta de se utilizar as plantas e fitoterápicos (CFF, 2008).

A Assistência Farmacêutica foi incluída como estratégia do SUS muito antes, em 1998, por meio da Política Nacional de Medicamentos (PNM). Faz parte da Política Nacional de Saúde (PNS), visando garantir o acesso aos medicamentos e insumos pela população, o acesso aos serviços farmacêuticos, cumprindo os princípios constitucionais da universalidade, equidade, integralidade, regionalização e hierarquização (BRASIL, 2015).

O Conselho Federal de Farmácia, na Resolução nº 546 de 21 de julho de 2011 (CFF, 2011), dispõe que o farmacêutico pode ser responsável técnico de ervanarias, indústria farmacêutica, distribuidoras, farmácia comunitária e magistral relacionadas a plantas medicinais e fitoterápicos. Pode indicar plantas medicinais e fitoterápicos isentos de prescrição, desde que sejam respeitadas a ética, o conhecimento técnico-científico e que seja de forma clara, simples e compreensiva (CFF, 2019).

O profissional nutricionista também pode prescrever plantas medicinais e fitoterápicos segundo a Resolução nº 402/2007, como complemento de dietas de seus pacientes, sempre indicando àqueles que forem de origem conhecida pela ANVISA, contendo a nomenclatura botânica ou o nome popular, a parte usada, a forma

farmacêutica, o tempo de utilização, dosagem, frequência de uso, horários e modo de preparo (OLIVEIRA et al., 2015).

Os medicamentos alopáticos, comumente prescritos pelos profissionais da saúde foram popularizados não somente por eles, mas também por campanhas publicitárias feitas pelos laboratórios, obviamente com a intenção de obter grandes lucros, prometendo a cura das mais diversas doenças. Houve, e ainda há uma insatisfação da população quanto aos efeitos adversos causados pelos alopáticos e o alto custo destes, sendo inacessível para muitas pessoas de baixa renda (FEITOSA et al., 2016).

Já que as plantas medicinais e a fitoterapia integram a medicina tradicional e popular, principalmente por serem de baixo custo, podendo ser encontradas em canteiros nas residências, em hortos e casas de plantas, é importante que essa terapêutica se torne mais comum na Atenção Básica, juntamente com profissionais capacitados para orientar os pacientes do uso correto dos medicamentos fitoterápicos e das plantas (SANTOS et al., 2011).

#### **4.2.1 A capacitação dos profissionais de saúde**

A população tem preferência pelo uso do medicamento alopático, mas há quem prefira as plantas medicinais por serem de baixo custo e fácil acesso, e assim as utilizam sozinha ou em conjunto com o medicamento alopático, muitas vezes sem saber que se não forem usadas ou preparadas corretamente podem ser tóxicas, causar efeitos adversos, comprometer o tratamento e interagir com outros medicamentos (FIGUEREDO et al., 2014).

Pisano et al. (2012) afirma que é comum as pessoas utilizarem as plantas medicinais e os fitoterápicos por indicação de parentes e amigos achando que, por serem de fonte natural, não causam problemas à saúde. Esta conclusão está embasada no estudo realizado no Município de Bauru – SP, onde foram entrevistadas 300 pessoas e 64,67% relataram o uso de alguma planta medicinal, enquanto 72,16% disseram utilizar após indicação vinda de parentes, amigos e através de pesquisa na internet. Apenas 1% relatou ter recebido indicação de uso através de profissionais da saúde médicos e 6% relataram que a indicação foi feita por um farmacêutico.

Resultado é semelhante ao encontrado por Cruz et al. (2015) em estudo realizado nos Municípios do Vale do Jequitinhonha – MG, onde dos 555 entrevistados, 73,5% relataram utilizar plantas medicinais. Dentre os entrevistados, 77% disseram ter aprendido a preparar e utilizar as plantas medicinais junto dos pais, enquanto 94% acreditam que as plantas não fazem mal a saúde.

Uma das diretrizes acerca da fitoterapia e plantas medicinais presentes na PNPIC, deixa claro que devem ser adotadas medidas para a formação e educação permanente dos profissionais de saúde, com a inserção de disciplinas com conteúdo voltado às plantas medicinais e fitoterapia nos cursos de graduação e pós-graduação da área da saúde e a prática dos serviços de fitoterapia aos estudantes e profissionais, levando assim um melhor conhecimento para si e para a população (BRASIL, 2015).

Estudos como os de Júnior et al. (2016) e Mattos et al., (2018) revelam que muitos profissionais não conhecem a diferença correta entre fitoterápicos e homeopáticos, desconhecem a forma correta de utilização de plantas medicinais, enquanto alguns até acreditam no potencial terapêutico das plantas, mas não prescrevem e nem indicam.

Evidenciou-se também a falta de estudos sobre a fitoterapia durante a formação acadêmica, sendo semelhante aos resultados encontrados no estudo publicado por Rosa et al. (2011), onde muitos médicos relatam contato com a fitoterapia na faculdade, mas nenhum se referiu ter cursado a disciplina durante a sua formação.

Os profissionais sentem que seus conhecimentos sobre a Fitoterapia são insuficientes, mas quando questionados sobre o interesse em uma capacitação acerca do tema, se mostram interessados (CORTEZ et al., 2017).

Haraguchi et al. (2020) obteve resultados positivos em seu estudo sobre um curso de capacitação oferecido para profissionais de saúde nas cidades de São Paulo e Guarulhos. O estudo, que teve fase I e II, contou com 114 participantes, todos egressos do curso, sendo 38 destes farmacêuticos, 19 médicos, 19 enfermeiros, 2 biomédicos, 2 fisioterapeutas, 20 cirurgiões-dentistas e 14 nutricionistas, conforme demonstrado na Tabela 1. Foi verificado um aumento significativo na prescrição de fitoterápicos, na recomendação de plantas como camomila, espinheira-santa,

cidreiras, babosa e o conhecimento sobre efeitos colaterais que as plantas podem causar.

Tabela 2: Evolução de práticas sobre fitoterapia dos egressos após a conclusão do curso

<b>Tema</b>	<b>Nº de profissionais Antes</b>	<b>Nº de profissionais Depois</b>
Recomendação de plantas medicinais	37	67
Recomendação de drogas vegetais	33	64
Prescrição de fitoterápicos	25	60
Questionamento sobre uso simultâneo com alopáticos	31	61
Conhecimento dos riscos	53	72
Reconhecimento de reações adversas	7	7

Fonte: Adaptado de Haraguchi et al., 2020

### **4.3 Plantas medicinais, efeitos adversos e toxicidade**

Muitos dos fitoterápicos utilizados, principalmente por automedicação, possuem perfil tóxico desconhecido. A utilização inadequada, mesmo que pareça ter baixa toxicidade, pode induzir problemas graves desde que existam outros fatores de risco como contraindicação ou a utilização juntamente a outros medicamentos. O problema é que as informações sobre ocorrências de intoxicações e os efeitos colaterais geralmente não chegam até os pacientes dos serviços de saúde pública do país, pois muitas vezes são indivíduos de baixa renda, escolaridade e acervo cultural. Por isto, enxerga-se a necessidade da existência de profissionais da saúde capacitados, para orientar a população sobre as plantas medicinais e fitoterápicos. (SILVEIRA et al., 2008).

Certas plantas podem apresentar interações se combinadas com medicamentos alopáticos, como descrito na Tabela 3. Interações com anticoagulantes, hipoglicemiantes entre outros podem vir de plantas como o Ginseng e Ginko Biloba, além de diversos efeitos colaterais como diarreia, alergias, vindas de plantas como a Echinacea, o Sene e a Erva de são João.

Tabela 3: Plantas medicinais e seus efeitos adversos e interações

Nome popular e científico	Constituintes Químicos	Uso tradicional	Ação farmacológica	Efeitos adversos	Interações
<b>Ginseng</b> <i>Panax ginseng</i> C. A. Mey	Ginecosídeos, Triterpene saponins	Energético	Anti- inflamatório e estimulante	Insônia, mastalgia, sangramento vaginal, hipertensão, diarreia, hipoglicemia	Hipoglicemiantes orais, inibidores da MAO
<b>Echinacea</b> <i>Echinacea</i> <i>angustifolia</i> DC, <i>Echinacea</i> <i>polida</i> Nutt, <i>Echinacea</i> <i>purpurea</i> (L.) Moench	Polissacarídeo s, alcaloides, glicoproteínas	Úlceras, abscessos, queimaduras, equizemas	Estimulante do sistema imune, antifúngico e anti- inflamatório	Imunossupress ão, reações alérgicas, anafiláticas	Hepatotoxicidade com Esteroides, anabolizantes, cetoconazol, amiodarona, metotrexato
<b>Valeriana</b> <i>Valeriana</i> <i>officinalis</i> L.	Aminoácidos, alcaloides, valepotriates, óleos voláteis	Problemas digestivos, insônia, estresse, trato urinário	Sedativo, ansiolítico	Cefaleia, ressaca, hepatite	Potencialização de outros medicamentos do Sistema Nervoso Central
<b>Passiflora</b> <i>Passiflora</i> <i>edulis</i> Sims	Alcaloides, flavonoides	Neuralgia, ataques epilépticos, histeria, insônia	Sedativo, ansiolítico	Náuseas, sonolência, taquicardia ventricular	Potencialização de outros depressivos do SNC, álcool
<b>Sene</b> <i>Cassia</i> <i>angustifolia</i> Vahl	Antraquinonas	Constipação	-	Diarreia, desordens gastrointestinais	-
<b>Ma Huang</b> <i>Ephedra-ma-</i> <i>huang</i> Liu	Efedrina	Estimulante do SNC, asma, febre	Semelhante a efedrina	Ansiedade, confusão, insônia, psicose	Outros efeitos estimulantes, betabloqueadores , inibidores da MAO, teofilina
<b>Ginkgo biloba</b> <i>Ginkgo biloba</i> L.	Ginkgolides, bilobalice, flavonóides	Asma, hipertensão, tinnitus, angina	Sérios efeitos antiplaquetário s, antirradicais livres	Sintomas gastrointestinais , sangramento, alergias, cefaleia, tonturas	Potencialização dos anticoagulantes
<b>Eucalipto</b> <i>Eucalyptus</i> <i>tereticornis</i> Sm.	Eucaliptina, quercetina	Congestão nasal	Antimicrobiano, antifúngico, anti- inflamatório	Cianoses, delírio, sintomas gastrointestinais	-
<b>Erva de São João</b> <i>Hypericum</i> <i>perforatum</i> L.	Hypericina, hypeforina	Cicatrizante de feridas, diurético, analgésico, melancolia	Antidepressivo, antiviral	Sintomas gastrointestinais , alergias, fadiga, ansiedade, sedação	Inibidor da recaptação de serotonina, indutor das enzimas hepáticas

Fonte: Adaptado de Silveira et al., 2008.

Segundo os dados mais recentes do SINITOX, que datam de 2013 a 2017, dos 437.855 casos registrados de intoxicação humana por agentes tóxicos como agrotóxicos, alimentos, metais, animais peçonhentos, cosméticos, medicamentos,

entre outros, 4.999 casos são de intoxicação por plantas. Conforme demonstrado na Tabela 4, a faixa etária mais afetada foi a das crianças de 1 a 4 anos, com 1.953 casos. Esses números parecem baixos, quando comparados ao quantitativo de habitantes do país, mas isto se deve porque o SINITOX atualmente encontra dificuldades para representar a real situação brasileira devido a uma queda no repasse de dados vindos dos Centros de Informação e Assistência Toxicológica (CIATs), portanto supõe-se que a situação atual pode apresentar números maiores (BRASIL, 2021; MELO et al., 2021).

Tabela 4: Número de casos de intoxicação humana por plantas e por faixa etária entre os anos de 2013 a 2017 no Brasil

Idades	Nº de casos por ano					Total
	2013	2014	2015	2016	2017	
Menor que 1 ano	40	28	36	59	38	201
1 a 4 anos	417	450	398	438	250	1953
5 a 9 anos	160	164	135	174	106	739
10 a 14 anos	38	43	40	32	28	181
15 a 19 anos	33	33	57	42	19	184
20 a 29 anos	70	37	56	67	62	292
30 a 39 anos	63	62	68	78	49	320
40 a 49 anos	56	56	43	69	51	275
50 a 59 anos	56	43	79	64	50	292
60 a 69 anos	32	22	39	39	41	173
70 a 79 anos	20	17	14	18	13	82
80+ anos	10	4	7	3	5	29
Sem idade revelada	14	11	20	124	109	278
<b>Total</b>	<b>1009</b>	<b>970</b>	<b>992</b>	<b>1207</b>	<b>821</b>	<b>4999</b>

Fonte: SINITOX (BRASIL, 2021)

As circunstâncias de intoxicação mais registradas nestes anos foram as acidentais, uso indevido e abuso, que podem condizer com a automedicação praticada pela população, na qual tem uma porcentagem alta, como a encontrada nos

estudos de Pisano et al. (2012) e Cruz et al. (2015). Os 1953 casos da faixa etária das crianças de 1 a 4 anos (Tabela 4) podem ser justificados, em parte, como casos acidentais, uma vez que esta é uma faixa etária na qual as crianças encontram-se em desenvolvimento, descobrindo o mundo através do tato e do paladar, levando o que encontram à boca e sendo mais vulneráveis aos acidentes (TAVARES et al., 2013). Destaca-se também o elevado número nos casos de tentativa de suicídio (BRASIL, 2021).

Tabela 5: Circunstâncias de intoxicação por plantas dos casos registrados de 2013 a 2017

<b>Circunstâncias</b>	<b>2013</b>	<b>2014</b>	<b>2015</b>	<b>2016</b>	<b>2017</b>	<b>Total</b>
Acidente individual	792	826	794	934	610	3956
Acidente coletivo	43	21	56	15	6	141
Acidente ambiental	9	-	1	-	0	10
Ocupacional	14	18	12	19	20	83
Uso terapêutico	4	7	3	4	0	18
Prescrição Médica inadequada	1	-	-	-	0	1
Erro de administração	3	-	1	5	0	9
Automedicação	14	7	10	6	4	41
Abstinência	4	1	-	-	0	5
Abuso	9	5	12	26	13	65
Ingestão de alimentos	28	19	23	30	1	101
Tentativa de suicídio	20	10	18	29	16	93
Tentativa aborto	10	4	8	8	7	37
Violência/Homicídio	-	12	-	-	0	12
Uso indevido	19	8	31	33	24	115
Ignorada	23	14	11	86	102	236
Outro	16	18	12	12	18	76
<b>Total</b>	<b>1009</b>	<b>970</b>	<b>992</b>	<b>1207</b>	<b>821</b>	<b>4999</b>

Fonte: SINITOX (BRASIL, 2021)

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A população se arrisca ao utilizar plantas medicinais e fitoterápicos sem prescrição ou indicação feita previamente por um profissional de saúde, acreditando que por serem de fonte natural não apresentam riscos à saúde. Por serem de fácil acesso e baixo custo, acabam sendo a opção de muitas pessoas para prevenir e tratar suas enfermidades. Como diversas plantas não possuem estudos científicos comprovados, os riscos de intoxicação, interação com outros medicamentos e até a chance de ir a óbito é grande.

Diante do exposto, ressalta-se a importância da presença de um profissional qualificado, que saiba orientar, acolher o paciente, seja em drogarias, na saúde pública e na atenção básica.

Outro fator de real importância aqui encontrado é a necessidade da capacitação. A capacitação dos profissionais que ainda se sentem inseguros para prescrever fitoterápicos e plantas, já que, como demonstrado nos estudos aqui referenciados, há profissionais que apresentam interesse em se qualificar. Pensando em uma escala proporcional, quanto mais profissionais qualificados existirem, mais a Fitoterapia se tornará comum na Atenção Básica do país, para que a população tenha um acesso digno a esta terapêutica e sofra cada vez menos os efeitos adversos e intoxicações.



## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Resolução CIPLAN nº 8/88, de 8 de mar.1988. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, v. 126, n. 48, p. 3.999-4.000, 11 mar. Seção I, 1988.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos Departamento de Assistência Farmacêutica. **Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. Série B. Textos Básicos em Saúde. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2006. p. 20.

BRASIL. **Práticas Integrativas e Complementares: Plantas medicinais e fitoterapia na Atenção Básica**. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2012. 154 p.

BRASIL. **Resolução nº 26, de 13 de maio de 2014**. Dispõe sobre o registro de medicamentos fitoterápicos e o registro e a notificação de produtos tradicionais fitoterápicos. Disponível em:  
[https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2014/rdc0026\\_13\\_05\\_2014.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2014/rdc0026_13_05_2014.pdf)  
Acesso em 07 nov. 2021

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS. Atitude de ampliação de acesso**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2015, 2ª edição, 98 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. **Política e Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2016. 190 p.

BRASIL. **Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas-SINITOX** [Recurso eletrônico]. Disponível em: <https://sinitox.iciet.fiocruz.br/dados-nacionais>. Acesso em 07 set. 2021

CFF - CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA. **Resolução nº 477 de 28 de maio de 2008**. Dispõe sobre as atribuições do farmacêutico no âmbito das plantas medicinais e fitoterápicos e dá outras providências. Disponível em:  
[https://www.cff.org.br/userfiles/file/resolucoes/res477\\_2008.pdf](https://www.cff.org.br/userfiles/file/resolucoes/res477_2008.pdf) Acesso em 08 set. 2021.

CFF - CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA. **Resolução nº 546 de 21 de julho de 2011**. Dispõe sobre a indicação farmacêutica de plantas medicinais e fitoterápicos isentos de prescrição e o seu registro. Disponível em:  
[https://www.cff.org.br/userfiles/21%20-%20BRASIL\\_%20CONSELHO%20FEDERAL%20DE%20FARM%20C%81CIA\\_%202011%20Resolucao\\_546\\_2011\\_CFF.pdf](https://www.cff.org.br/userfiles/21%20-%20BRASIL_%20CONSELHO%20FEDERAL%20DE%20FARM%20C%81CIA_%202011%20Resolucao_546_2011_CFF.pdf). Acesso em 08 set. 2021

CFF- CONSELHO REGIONAL DE FARMÁCIA. Comissão Assessora de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. **Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. São Paulo, SP: Conselho Regional de Farmácia, 2019. 4ª edição. 86 p. Disponível em:  
<http://www.crfsp.org.br/images/cartilhas/PlantasMedicinais.pdf> Acesso em 08 set. 2021

CORTEZ, L.C., JEUKENS, M.M.F. Fitoterápicos na atenção primária à saúde: revisão da literatura. **Arq Med Hosp Fac Cienc Med Santa Casa São Paulo**. 2017; 62(3):150-5. Acesso em 19 set. 2021

CRUZ, M.J.B., DOURADO, L.F.N., BODEVAN, E.C., ARAÚJO, L.U., GRAEL, C.F.F., SANTOS, D.F. Uso de plantas medicinais por famílias do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, Brasil. **Infarma Ciências Farmacêuticas** 27: 38-48, 2015. Disponível em:

[http://revistas.cff.org.br/?journal=infarma&page=article&op=view&path%5B%5D=716&path%5B%5D=pdf\\_28](http://revistas.cff.org.br/?journal=infarma&page=article&op=view&path%5B%5D=716&path%5B%5D=pdf_28) Acesso em 14 nov. 2021

FEITOSA, M. H. M., SOARES, L.L., BORGES, G. A., ANDRADE, M.M., COSTA, S.M. Inserção do conteúdo fitoterapia em cursos da área de saúde. **Rev. bras. educ. med.** 40 (2) • Apr-Jun 2016 Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbem/a/Rmbg6DyCvzvC85yLrqnX3bS/?lang=pt> Acesso em 03 de ago. 2021 às 22:55

FIGUEREDO, A.C., GURGEL, G. D. I., JUNIOR G. D. G. A Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos: construção, perspectivas e desafios. *Physis* **Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 24 [2]: 381-400, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/fzMtXMF6QwLVHLk8nzxdFdM/abstract/?lang=pt> Acesso em 08 set. 2021

HARAGUCHI, L.M.M., SAÑUDO, A., RODRIGUES, E., CERVIGNI, H., CARLINI, E.L.A. Impacto da capacitação de profissionais da Rede Pública de Saúde de São Paulo na Prática da Fitoterapia. **Revista Brasileira de Educação Médica**. 44 (1): edição 17; 2020. Acesso em 19 set. 2021

JÚNIOR, B.J.N., TÍNEL, L.O., SILVA, E.S., RODRIGUES, L.A., FREITAS, T.O.N., NUNES, X.P., AMORIM E.L.C. Avaliação do conhecimento e percepção dos profissionais da estratégia de saúde da família sobre o uso de plantas medicinais e fitoterapia em Petrolina-PE, Brasil. **Rev. Bras. Pl. Med.**, Campinas, v.18, n.1, p.57-66, 2016. Disponível em

<https://www.scielo.br/j/rbpm/a/DqbDqrRWkNPMXck7KcQvNGg/?lang=pt> Acesso em 12 set. 2021

MATTOS, G., CAMARGO A, SOUZA, A.C., ZENI, L. B. A. Plantas medicinais e fitoterápicos na Atenção Primária em Saúde: percepção dos profissionais. **Ciência & Saúde Coletiva**, 23(11):3735-3744, 2018. Disponível em:

<https://www.scielo.org/article/csc/2018.v23n11/3735-3744/> Acesso em 01 set. 2021

MELO, D.B., MACEDO, L.M., ALMEIDA, I.O., PEREIRA, T.R.S, SILVA, T.M., LEAL, M.M.T., MELO, G.A., SANTANA, L.L.B. Intoxicação por plantas no Brasil: uma abordagem cienciométrica. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.4, p. 40919-40937, 2021. Disponível em:

<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/28600/22737>. Acesso em 08 set. 2021

OLIVEIRA, V., SANTOS, E.M.M., MESQUITA, E.V.A. **Prescrição, preparo e manipulação de plantas medicinais**. Faculdade São Lucas, Porto Velho, Brasil, 2015. Disponível em

<http://periodicos.saolucas.edu.br/index.php/resc/article/view/1186/1038> Acesso em 08 nov. 2021

PISANO L.C., PAIVA G.A., PIZELLI, G.S., FERREIRA J.D. Plantas Medicinais - Uso e cultivo domiciliar no município de Bauru-SP. **Ensaio e Ciência: Ciências Biológicas Agrárias e da Saúde** 16:141-150, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/260/26032923012.pdf> Acesso em 14 nov. 2021

RIBEIRO, L. H. L. Análise dos programas de plantas medicinais e fitoterápicos no sistema único de saúde (SUS) sob a perspectiva territorial. **Ciência & Saúde Coletiva**, 24(5):1733-1742, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2019.v24n5/1733-1742/> Acesso em 31 jun de 2021 às 20:30

ROSA, C.; CÂMARA, S.G.; BÉRIA, J.U. Representações e intenção de uso da fitoterapia na atenção básica à saúde. **Ciência & saúde coletiva** 16 (1), Canoas, Rio Grande do Sul, set. 2011. Disponível em <https://www.scielo.br/j/csc/a/6Nnd89cFpvtscx8RkJrMRN/?lang=pt> Acesso em 08 nov. 2021

SANTOS, R.L.; GUIMARAES, G.P.; NOBRE, M.S.C.; PORTELA, A.S. Análise sobre a fitoterapia como prática integrativa no Sistema Único de Saúde. **Rev. Bras. Pl. Med.**, Botucatu, v.13, n.4, p.486-491, 2011 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbpm/a/ZBKcPvMgQ4LTN8KRbsdGxjj/?lang=pt&format=pdf> Acesso em 27 de jun. 2021 às 18:00

SILVA, O.T. Prescrição farmacêutica de plantas medicinais e fitoterápicos. 2019. 56 f. **Trabalho de Conclusão de Curso** - Universidade Federal de Campina Grande, Cuité 2019. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbfar/a/dFRCmfPT94rZmrgLy3y4wYH> Acesso em 08 set. 2021

SILVEIRA, F.P., BANDEIRA M.A.M., ARRAIS, D.S.P. Farmacovigilância e reações adversas às plantas medicinais e fitoterápicos: uma realidade. **Revista Brasileira de Farmacognosia**. 618-626 p., 2008. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbfar/a/dFRCmfPT94rZmrgLy3y4wYH>. Acesso em 04 set 2021.

TAVARES, E.O., BURIOLA, A.A., SANTOS, J.A.T., BALLANI, T.S.L., OLIVEIRA, M.L.F. Fatores associados à intoxicação infantil. **Esc Anna Nery (impr.)**2013 jan - mar; 17 (1):31-37 Disponível em <https://www.scielo.br/j/ean/a/dyf7qGHBMFkfXLMWZx6L9qP/?lang=pt&format=pdf> Acesso em 11 dez. 2021